

# ..... Entrevista .....

## Entrevista com Edgard de Assis Carvalho.

DOI: <https://doi.org/10.23925/1982-4807.2021i29p3-7>

Silvana Tótora <sup>1</sup>

- 1- Na leitura de *Conexões da Vida: uma antropologia da experiência*, de 2017, destacamos o encontro e a amizade com Edgar Morin há quase três décadas. Qual a contribuição que a obra moriniana traz para abrir as fronteiras da antropologia?

**O livro a que você se refere trata da experiência de um sujeito comum. A tensão superficial e irreversível do tempo se incumbiu de me levar a fazer o pós-doutorado na França. Certo dia, em 1979, em meio aos cursos, seminários, supervisões com Maurice Godelier, ouvi pela primeira vez Edgar Morin referir-se aos enigmas do *sapiens demens*. Não o conhecia. Quando retornei ao Brasil, estava mudado. A antropologia fundamental com a qual tivera contato não era mais uma área disciplinar, mas uma decifração das ordens e desordens da condição humana.**

- 2- Na vida e na obra de Edgar Morin destacam-se o humanismo comprometido com o pluralismo e as diferenças, com os movimentos de resistência às formas de dominação e autoritarismos políticos, além de uma profunda solidariedade e compaixão pelos humilhados e ofendidos. Poderia destacar qual a dimensão ético-política que mobiliza seu pensamento nos tempos atuais?

**A obra é gigantesca, livros, artigos, diários. Desde *O ano zero da Alemanha*, de 1946, a preocupação com o pluralismo e a resistência se consolidou. Suas contribuições para a compreensão da cultura de massa, redefiniram o conceito de cultura, sepultaram de vez as oposições entre cultura erudita e popular,**

---

<sup>1</sup> Professora de Política do Departamento de Ciências Sociais e do Programa de Estudos Pós-graduados em Ciências Sociais da PUCSP. Pesquisadora do Núcleo de Estudos em Arte Mídia e Política (NEAMP). Email: totora@pucsp.br ; ORCID; <https://orcid.org/0000-0002-5925-7965>.

**cultura negra, cultura branca. Ambas são ao mesmo tempo opostas, concorrentes, complementares. A cultura é a práxis cognitiva geral gerada pelos humanos no curso do tempo para explicar seu ser-no-mundo. Esse é o fundamento que cerca os seis volumes de *O Método*, publicados entre 1975 e 2004, mais de 2500 páginas. Nos tempos vulgares e líquidos do presente, é preciso não aceitar a submissão, estender a revolta a todos os domínios da vida, perceber que a tríade indivíduo-sociedade-espécie é base inegociável da ética, da política, da cultura.**

- 3- A educação é um dos eixos centrais da obra. Se nos ativermos à Universidade, quais os seus limites para uma educação do futuro ou o futuro da educação? Qual o papel que a Cátedra Itinerante UNESCO Edgar Morin tem nesse processo?

**A educação é um ponto hologramático, ou seja, uma parte que contém o todo da obra. Ao aceitar o convite de François Mitterand e de Claude Allègre para coordenar a reforma do ensino médio na França, Edgar sabia muito bem as resistências que a religação dos saberes iria provocar nos domínios sitiados da fragmentação disciplinar. E foi isso mesmo que ocorreu. O projeto não foi implantado. A pergunta “Quem educará os educadores” ficou sem resposta, e isso até hoje, do ensino fundamental à Universidade. Não institucionalizada, a Cátedra tem um papel essencialmente simbólico. Atua como um vetor cognitivo para projetos, seminários, intercâmbios. Eu e Conceição Almeida somos os correpresentantes brasileiros e Raúl Motta, morto recentemente pela Covid-19, o coordenador, até hoje não substituído.**

- 4- Quais as lições que se pode tirar da policrise atual? Hoje somos atingidos por uma onda de fascismos e por uma pandemia que, no Brasil, assume a dimensão de um genocídio, com mais de meio milhão de mortos. Como perseverar na existência e não sucumbir na indiferença e na submissão? Na sua perspectiva qual a fonte da força de existir de Edgar Morin?

**Aos 100 anos, Edgar continua a investir na poesia da vida, na estética da existência, na analítica do sujeito, na racionalidade aberta, utopias realizáveis capazes de tornar a Terra habitável de novo, tema de um diálogo travado com Peter Sloterdijk, que será brevemente publicado no Brasil, por iniciativa da UFRN e do *Collegium International* presidido por Sacha Goldmann. Este**

**pequeno livro não será comercializado, mas distribuído para homens de bem que acreditam numa política de civilização planetária. Cedo ou tarde, a policrise exigirá que tal política se converta em prioridade máxima da política, das instituições e da própria sociedade civil.**

- 5- Instigado pelo pensamento moriniano, você construiu inúmeras vias para difundir suas ideias, dentre elas a criação do *Complexus*, núcleo de estudos da complexidade na PUCSP, em 1996, que agregou pesquisadores de mestrado, doutorado, pós-doutorado de todo o Brasil, além da formação de docentes para diversas universidades. Como avalia o *Complexus* em 2021?

**Foi por insistência de Conceição Almeida que criei o núcleo em 1996, mesmo não acreditando em institucionalizações. Junto com Lucia Helena Rangel e Edmilson Felipe da Silva implantei dois projetos: as *Oficinas do Pensamento* voltadas para a discussão de pensadores transdisciplinares, *Películas e ideias*, que tinha o cinema como foco cognitivo e estético. Também contei com “pesquisadores cadastrados” que após o doutorado se vincularam ao Núcleo, Vivian Blaso e Sydney Cincotto Jr. De forma indireta, o Núcleo penetrou na estrutura curricular, nas *Atividades Programadas*, com leitura integral das *Mitológicas*, de Claude Lévi-Strauss e *O Método*, de Edgar Morin. Durante vários anos, nos dedicamos a essa leitura fundamental que atraiu um público bastante diversificado. Difícil avaliar 2021. Pelas últimas avaliações, meus colaboradores diretos — Lucia Helena e Edmilson — deixaram de pertencer ao pós-graduação, ceifados pela quantofrenia e pelo produtivismo, critérios psicóticos que a vigilância cognitiva impõe às ditas “avaliações de desempenho”. Em 2019, mesmo com público reduzido, ainda mantive o *Películas e Ideias* e as *Oficinas do Pensamento*. Com a pandemia, tais atividades deixaram de existir e acho difícil que retornem, após minha saída definitiva da Universidade. Em 2021, o *Complexus* organizou uma homenagem ao centenário de Edgar Morin, e muitas considerações que faço aqui em minha resposta à sua questão estavam presentes na conferência de abertura feita por mim.**

- 6- Como tradutor de vários livros, você tornou a obra de Edgar Morin acessível ao público brasileiro. Qual o papel que as traduções desempenham no processo do conhecimento, principalmente num país como o nosso?

**As traduções são um caso à parte. Não traduzi a obra toda, mas apenas parte dela, a princípio pela Bertrand Brasil, depois pelas Edições SESC, pela editora Palas Athena, e pela Pró-Saber que topou comprar os direitos de *Sobre a Estética*. Com a Palas Athena, a diversificação se ampliou mais ainda, com Boris Cyrulnik, Mathieu Ricard, Christophe André, François Jullien. Traduções são transplantações de um código linguístico para outro, uma troca de subjetividades entre autor e tradutor, não uma traição deliberada como afirmam alguns. Com Mariza Perassi Bosco, cotraduzi mais de 20 livros, catálogos de exposições, folhetos de exposições; com Fagner França, dezenas de pronunciamentos e entrevistas de Edgar Morin e outros pensadores, publicados no site do IHU da Unisinos, além de *Tornar a Terra habitável*, diálogo ao qual já me referi, cuja revisão ficou a cargo de Mariza. Por vezes, acalentamos o sonho de criar uma empresa de traduções, mas acredito que seja apenas um sonho. Num país como o nosso, e mesmo não suficientemente reconhecida, a atividade tradutória é um alento e uma aposta na ampliação da ‘comunidade de leitores’.**

- 7- A convite do SESC de São Paulo, em 2019 e 2021, você coordenou duas jornadas internacionais dedicadas a Edgar Morin. Com seu conhecimento e envolvimento na organização de atividades de difusão do pensamento complexo, como você avalia o impacto e extensão do pensamento de Edgar Morin no Brasil?

**O Centro de Pesquisa e Formação do SESC é um oásis cognitivo no desvalido cenário da discussão das questões candentes da contemporaneidade. As Jornadas Edgar Morin, de 2019, são exemplo. Com total liberdade, apoio de todo o CPF, o formato das Jornadas foi se consolidando. A princípio, se assemelhava a um *design projetual* que tinha como foco reunir pesquisadores de todo o Brasil, vinculados ao pensamento complexo. Depois, progressivamente, em meio a animadas reuniões, o conjunto dos participantes foi burilado, com o objetivo de garantir uma espécie de “unitas multiplex” do saber. A editora Sulina acaba de publicar *Edgar Morin, Complexidade no século XXI*. Junto com revisores**

**e preparadores de texto, reli todas as participações, inclusive a mensagem de Edgar que abriu o encontro. Esse é o papel da difusão. Impacto e extensão só se efetivarão se a reforma dos educadores ocorrer, aliás já prevista por Karl Marx numa de suas teses sobre Feuerbach. Para isso, a disciplinaridade tem de ser revogada em prol de uma transdisciplinaridade que religue saberes e culturas. Acredito que fora da Universidade esse horizonte possa se concretizar, embora isso dispenda energia, criatividade, ação.**

- 8- Nos seus 100 anos de vida, Morin se tornou um intelectual de grande projeção internacional. Recebeu mais de 40 títulos de universidades espalhadas pelo mundo, inclusive da PUCSP. Você considera relevantes essas titulações, espécie de reconhecimento de um tipo de pensamento anticartesiano e transdisciplinar?

**As concessões de *Honoris Causa*, *Prêmios Nobel* e outros títulos fazem parte de uma política de reconhecimento a pensadores que inovaram os saberes, que souberam ultrapassar sua área específica, geralmente reunindo arte-ciência-filosofia. No calor das comemorações do centenário de Edgar Morin, ganhou terreno um rumor da concessão de um Nobel da Paz. Só o tempo dirá se isso ocorrerá mesmo.**

- 9- Edgar Morin escreveu mais de 60 livros. Produziu um pensamento que não se diferencia de uma ética da vida. E é a vida de nossa espécie que hoje está em perigo. Como manter vivo esse pensamento *etopoiético* de resistência e de invenção da vida?

**Respondo a você de maneira breve e deliberada. Assumindo o novo imperativo categórico, *Mudar de Via e mudar de vida*.**

**Recebido em: 21.10.21**

**Aprovado em: 23.10.21**